



ENTREVISTA

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Ana Firmino  
Universidade Nova de Lisboa

## VISÕES DE UMA GEÓGRAFA PORTUGUESA

Ana Maria Viegas Firmino, natural de Amadora, Portugal, é doutora em Planejamento Rural pela Universidade Nova de Lisboa. Atualmente é docente desta instituição de ensino, vinculada à Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, no Departamento de Geografia e Planejamento Regional. Suas principais áreas de investigação são Geografia Rural, Desenvolvimento Sustentável, Formas alternativas de produção agrícola, Ecologia da Paisagem e Problemática Agro-Alimentar. Em visita ao Brasil em julho de 2006, através de intercâmbio promovido pelo Programa de Pós-graduação em Geografia da UFPB, a professora Firmino concedeu uma entrevista\* que a revista OKARA: Geografia em Debate agora tem a satisfação de publicar.

\*Entrevista realizada por Aline Barboza de Lima e Maria de Fátima Ferreira Rodrigues.

*OKARA: Quando e como ocorreu seu ingresso na Geografia?*

Firmino: Foi uma coincidência, quando eu pretendia entrar para a faculdade, em 1976, tinham decorrido dois anos após a revolução, tínhamos uma Reforma Agrária em grande ebulição, e por isso pensou-se que estudar na universidade era um privilégio, e todos os candidatos, estudantes universitários, tinham que antes de entrar dar um ano de trabalho gratuito a comunidade. Hoje em dia nenhum aluno meu acredita nisso, mas é verdade. E, portanto, eu estive um ano substituindo grávidas e deficientes na fila para marcar médico, no posto de saúde, não é assim um trabalho muito agradável, mas foi o que me foi atribuído. Oito horas por dia sem ganhar nada. Eu tinha me inscrito em economia, e era nos dada à possibilidade, quando tínhamos tempo livre, de ir assistir as aulas, e eu ainda fui assistir algumas, e comecei a achar que aquilo estava demasiadamente politizado para o meu gosto, e sobretudo, havia uma grande confrontação entre alunos e professores, porque uns defendiam o Marx, outros defendiam outros movimentos, e as coisas naquele tempo não eram nada pacíficas, nem democráticas, era mesmo confrontação física. Muitas vezes éramos avaliados pela forma que nos vestíamos, ao contrário de hoje, em que é chique andar com roupa de marca, nessa altura, alguém que aparecesse com uma camisa de marca, era

logo apelidado de fascista, cacique, e era quase perseguido, e portanto, quase toda a gente vestia muito mal, calça de ganga, sujos, para dar um aspecto assim de trabalhadora do campo. Eu comecei a achar que aquilo não era o ambiente que me agradava, mas eu estava inscrita, e como eu disse, cheguei a frequentar algumas aulas. Quando chegou a altura de eu me inscrever, as confrontações físicas em economia foram tão grandes, que eles fecharam a faculdade, e o meu pai disse: “Não, isso não pode ser, então estive sustentando você um ano sem trabalhar e agora vou estar outro ano sustentando você a espera que a faculdade abra, você vai trabalhar”. E eu comecei a ver dentro das cadeiras que eu tinha feito, quais eram as alternativas, uma era administração naval, que eu não queria nem pensar, outra era educação física, que até me atraía, porque eu sempre fiz muito esporte, mas já tinha sido operada do joelho, e achei que não era sensato, e ainda bem que não procurei isso, e o outro era Geografia, e achei que era interessante, acho que foi uma sorte, porque o curso satisfez-me completamente. Ele vai ao encontro da minha essência. Ajudou-me a encontrar a minha própria essência, o geógrafo no fundo é alguém que está muito ligado à natureza, embora haja alguns desvirtuados que estejam manipulados pelo capitalismo, mas o trabalho do geógrafo deve ser ligado ao trabalho de campo, e as pessoas também. Pelo menos foi isso que nos ensinaram em 1976, quando eu entrei para a universidade. Havia quem dizia que o curso de geografia era pior do que recrutar de militares, porque nós andávamos imensos, fiz muitas bolhas nos pés. Ainda me lembro um dia, subimos um monte com uma professora francesa, que foi uma grande figura da geografia portuguesa, a professora Susane Dago, ela subiu ao topo do monte, mandou-nos fazermos um croqui da paisagem, chovia tanto que o lápis não escrevia nada, e ela dizia: “não, geógrafo é mesmo assim, tem que lidar com as intempéries”, e portanto, havia uma grande ligação com os elementos da natureza, e também com as populações, porque fazíamos inquéritos, e eu gostei mesmo desse trabalho. Tenho certeza de que se tivesse ido para economia não tinha tido essa experiência. Isso veio ao encontro da minha própria natureza, e ajudou-me a encontrar essa ligação com o meio e respeitar as pessoas e as paisagens, acho que me valorizou como pessoa.

*OKARA: Que geógrafos influenciaram na sua formação e quando começou a ensinar?*

Firmino: Eu tenho uma dívida de gratidão muito grande com a professora Carminda Cavaco. Ela é especialista em temas da agricultura na geografia portuguesa. Ao longo da minha licenciatura eu fui trabalhar com ela em projetos, nomeadamente alguns livros que ela veio a escrever e que eu fiz o trabalho de campo e, portanto ela é uma referência na minha formação. Quando acabei o curso eu ainda tinha trabalhos em conjunto com ela, e um dia em conversa eu disse que ia comprar uma quinta e fazer agricultura, e ela disse: “Ana, se você não aceitar o convite que lhe foi feito, para ingressar na Universidade Nova, eu nunca mais falo com você”, e aquilo foi um choque para mim, porque eu valorizava tanto

a minha relação de amizade com ela, que ela deixar de me falar era o pior que poderia fazer.

Eu sou uma geógrafa que de alguma forma enveredou pela via da agronomia, e por isso que alguns amigos meus agrônomos, dizem assim “mas como é que um geógrafo percebe destas coisas?”, é verdade, porque nós não temos essa formação na faculdade, mas eu tive o cuidado de frequentar vários cursos, que me deram conhecimento. Porque acho que para nós discutirmos, até mesmo para compreendermos o trabalho, a luta, o sofrimento dos agricultores, temos que perceber o processo, temos nós próprios que passar por ele, para dar valor, e por isso eu fiz dois cursos de agricultura biológica, um dado pela AGROBIO e o outro pelo Ministério da Agricultura, que são os cursos de formação para quem quer ser agricultor biológico, e tenho feito vários cursos, em que aprendi poda, enxertia, as técnicas básicas de horticultura e de jardinagem. Também pertença a uma associação de Amigos do Jardim Botânico, com agrônomos, pertença a uma Sociedade Portuguesa de Estudos Agrícolas, que é a SPEA, que é formada basicamente por agrônomos. Portanto eu mantenho contato com eles, leio muita coisa de agronomia, o Prof. Fernando Oliveira Batista, o Manoel Moreira, que são agrônomos, o Francisco Elias, são uma referência para o meu trabalho, são todos economistas agrários ou agrônomos, ou ligados mesmo à questão. Há muito poucos geógrafos que se ocupem da agricultura e do desenvolvimento rural, por isso eu procurei mas as obras dos próprios agrônomos.

*OKARA: Especificamente sobre agricultura orgânica ou biológica que autores influenciam o seu trabalho?*

Firmino: Eu leio muitas coisas relacionadas com ecologia, sobretudo ligadas a questão da agricultura biológica, ultimamente estudo a obra do Rudolf Steiner. Não é nada fácil, nós nos reunimos uma vez por mês, para ver se em conjunto conseguimos perceber melhor a sua obra. Rudolf Steiner é uma referência.

Eu tenho alguns livros de um professor amigo meu aqui do Brasil, de Curitiba, sobre agricultura orgânica, como vocês chamam aqui, de autores brasileiros, que eu acho muito bom, por exemplo, José Gonilha. Eu também gosto do trabalho da Ana Primavese, embora seja mais teórico, ela também tem estudado o processo da agricultura ecológica.

Alguns seguem bastante o Fukoka, que era um biólogo japonês, que herdou uma chácara do pai, e ele não tinha tempo para tomar conta da agricultura e pensou: “se as coisas na natureza sobrevivem sem qualquer tratamento, eu também posso por a minha chácara a funcionar dessa forma”. Bom, ele aprendeu a custa dele que todas as plantas que estão domesticadas não se pode passar do manejo regular ao abandono, porque há muitas árvores que não dão nada, outras morrem mesmo, mas entretanto, ele conseguiu perceber que após uma fase de adaptação é possível deixar a natureza funcionar por si. Obter as mesmas boas

colheitas sem ter muita intervenção. Ele é o pai da sementeira direta, que é uma técnica que até se utiliza hoje na agricultura convencional. Em vez de trabalhar a terra, depois por exemplo de cortar o milho, tu vais apenas fazer um furinho para obter a semente da próxima cultura, para uma melhor utilização do solo.

*OKARA: Essa influência da agronomia ajudou-lhe a dialogar com agricultores e técnicos?*

Firmino: Exatamente. Como é que eu posso propor uma estratégia, se eu não sei quais são as dificuldades, as vantagens, ou os inconvenientes que ela pode vir a trazer? E é por isso que há muita gente que fala, “ah os OGM, os organismos geneticamente modificados, isso é que vai ser a solução para a fome no mundo”, eles não sabem do que estão falando, não fazem a mínima ideia. Ouviram publicidade de uma empresa que anuncia que aquilo é o melhor do mundo. Como é lógico, a empresa tenta sempre vender e de uma forma irresponsável fazem disso um estandarte, fazendo crer que é a solução para todos os problemas, mas não é, isso é um argumento absolutamente falido, porque a fome tem haver sobretudo com a distribuição de riqueza, e não com produção alimentar, porque se fosse uma questão de produção alimentar já não haveria fome. Nós estamos queimando comida em Portugal. É um crime, é uma vergonha, todo o alimento que se deixa estragar propositadamente para não fazer descer o preço, para que o preço da produção não baixe, quando há tanta gente precisada, que não pode. É falaciosa essa argumentação em torno do aumento da produção, da necessidade de aumentar a produção para matar a fome. Eu penso que se as pessoas tivessem o conhecimento do campo e desta realidade, não abraçavam essa argumentação em torno dos OGMs. Isso é tudo uma questão de pressão econômica, não tem nada haver com a necessidade de alimentação, e o mesmo aconteceu na revolução verde.

*OKARA: Quando começou a se interessar pelo estudo de uma agricultura mais comprometida com o meio ambiente?*

Firmino: Fiz uma pós-graduação na Holanda, em Haia, durante um ano, em Planeamento Rural no Instituto de Ciências Sociais, e aí sim eu tomei contato com uma realidade que em Portugal ainda não era divulgada. Já havia algumas pessoas interessadas em agricultura biológica, mas não era divulgada. Eu até essa altura, que foi em 1986, nunca tinha ouvido falar em agricultura biológica. Na Holanda já discutiam os impactos ambientais que uma agricultura mais intensiva provocava. Isso também era consequência do fato deles estarem mais avançados nas suas etapas do desenvolvimento, e portanto, tinham causado já mais danos ao ambiente do que na altura se verificava em Portugal. Nós não estávamos tão mecanizados e esse foi o ano em que entramos para União Européia, em 1986. Ainda fazíamos uma agricultura muito tradicional. Havia muita empresa familiar

em que a prática agrícola ainda era, como se costuma dizer, rudimentar, embora hoje esse rudimentar é o mais adequado numa perspectiva ambientalista, e portanto é natural que na Holanda, nessa altura, estivessem mais preocupados, porque já tinham tomado consciência desses problemas ambientais.

Tive a oportunidade de visitar algumas explorações de agricultura biológica e biodinâmica, que é algo que ainda hoje em Portugal é considerado muito exótico. Eu penso que tenho tido um papel pioneiro nesse aspecto, aliás, tenho um artigo que fala da minha introdução dos temas da agricultura biológica na Universidade de Lisboa, e hoje acho que continuo a ter esse papel pioneiro a falar de biodinâmica, aliás, pertenço a um grupo de agricultura biodinâmica, em Portugal, e também da permacultura. Foi a partir dessa experiência na Holanda, na pós-graduação, que eu me interessei em procurar pessoas em Portugal que tivessem alguma ligação com a agricultura biológica, e foi aí que eu descobri a AGROBIL – Associação Portuguesa de Agricultura Biológica, vindo mais tarde a fazer parte da direção. Conheci algumas pessoas que faziam agricultura biológica, a partir daí nunca mais deixei de estar ligada a esse movimento.

*OKARA: Em que trabalhos você tem divulgado a sua discussão sobre agricultura biológica?*

Firmino: Em 1996 escrevi um artigo para a IFOAM, que é a Federação Internacional dos Movimentos da Agricultura Biológica, que na altura teve um grande impacto, que se chama “Os falsos Agricultores Biológicos”, mas foi a pedra no saco, um estrago realmente. Havia uma incompatibilidade entre o processo de apoio técnico e de certificação, porque alguns agricultores não estavam cumprindo com as regras, quando essa inspeção surgiu, porque na medida em eles achavam que denunciando essa situação, isso poderia desacreditar a agricultura biológica. Eu acho que se atuarmos com lisura, antes nos safamos das críticas que nos possam vir ser feitas, portanto, se nós somos os primeiros a dizer: “Cuidado! Isso não está a ser bem feito, é preciso ter cuidado e mudar a forma de controle”, mostramos que estamos preocupados com a boa conduta do agricultor, e portanto, que estamos trabalhando para que o produto que é vendido como biológico, mereça realmente o preço que se paga por ele, por ser um produto caro, a partir daí tenho sempre trabalhado com agricultura biológica. Em 1999 eu fui convidada para trabalhar com uma instituição alemã, que é uma instituição que criou uma rede de colaboradores na Europa, que mantém atualizada a informação para cada país, que está disponível no endereço eletrónico: <http://www.organci-europe.net/countryreports/> e tem um relatório da agricultura biológica em todos os países da União Europeia. Portugal é da minha responsabilidade. Eu tenho uma série de artigos publicados relacionados com a agricultura biológica. Numa revista holandesa faço uma apreciação dos impactos paisagísticos, porque isso está intimamente ligado com a atividade da agricultura biológica. E é por isso que há coisa de cinco anos, eu com mais quatro

ou cinco pessoas, criamos a Associação Portuguesa de Ecologia da Paisagem, a APEP, uma associação sem fins lucrativos. Somos afiliados a International Association Landscape Ecology, que é a associação principal da ecologia da paisagem. Ao nível dos consumidores, faço parte também de um grupo que é uma cooperativa de agricultores biológicos, é uma estrutura que eu tenho apoiado, porque permite que o consumidor adquira os produtos biológicos a um preço mais baixo, uma vez que não há atravessador. Pelo menos para os produtos frescos, pois nós importamos muita coisa da França, e aí já há certo encarecimento do produto. Por outro lado permite que eles não tenham que custear a certificação, porque essa é assegurada pela cooperativa. Não há uma certificação individual dos agricultores, a cooperativa tem uma certificação coletiva que assume a responsabilidade de tudo o que é vendido lá e é certificado.

*OKARA: Como você entende a agroecologia?*

Firmino: Nós, na Europa, temos um sistema muito estrito com a definição dos conceitos. Agroecologia é um termo que eu encontro mais na literatura brasileira. Oficialmente não há nenhuma definição que eu conheça na União Europeia da Agroecologia, pelo aquilo que tenho ouvido aqui é um movimento que pretende praticar o cultivo de uma agricultura que seja amiga do ambiente, agora, a forma como isso se processa, pode se revestir de diferentes formas, e não tem que ser necessariamente agricultura biológica, agricultura natural, ou orgânica, que para mim é a mesma coisa, a biodinâmica, a permacultura. Outra agricultura que nós temos na Europa é proteção integrada, e eu penso que todas essas, nas suas diferentes facetas, ainda em mente a proteção integrada, que em certas situações pode utilizar agroquímica, podem ser incluídas dentro da agroecologia, porque não é fácil também para um agricultor, de um momento para o outro, deixar de utilizar agrotóxico. Digamos assim, se cair do trapézio não vai quebrar a cabeça, isso é compreensível porque permite fazer a transmissão de um ecossistema poluído para um ecossistema que funciona bem. Pois bem, a agricultura biológica, é em termos de definições explicados por aí, só que existem várias formas de fazer agricultura biológica. Tem essa da agricultura natural, que eu associo ao movimento Masanobu Fukuoka, que na literatura inglesa aparece como *The nature Agriculture*, isto é, uma agricultura que tenta não fazer nada. Temos a agricultura biológica e a agricultura biodinâmica, que é praticada nos conhecimentos deixados pelo Rudolf Steiner, nas suas conferências nos anos 20, na Alemanha, é uma agricultura que também tem um procedimento muito particular, não se pode chamar de agricultura biológica, porque pode funcionar com as luas, com o calendário lunar, o eclipse. Foi utilizada pelos agricultores tradicionais, mas que eles o fazem de uma forma mais evoluída, digamos em termos de conhecimento, e por outro lado utiliza os preparados, seguindo as diretrizes do Rudolf Steiner. Depois temos a permacultura, que é uma coisa muito recente, que foi criada por dois australianos, um deles que é muito conhecido, que é o Bill Mollison, nos anos 1960, com base no conhecimento dos aborígenes,

ele estudou a forma como os aborígenes faziam parte da inhospitabilidade do meio, sem água, ou com chuva a mais, ou sem equipamentos, sem ferramentas, e sobretudo, sem trocas com o exterior, isto é, os insumos são todos produzidos dentro do seu território.

*OKARA: Todas essas formas de agricultura existem em Portugal?*

Firmino: Pode-se dizer que sim, mas a permacultura é um pouco difícil, oficialmente ela não está contabilizada, apenas os imigrantes das ex-colônias, nomeadamente os caboverdianos, que aproveitam muito os terrenos ao longo do trem. Os espaços desocupados de Lisboa são muitas vezes ocupados por esses imigrantes, que fazem agriculturas que eles tem mais interesse, como é o caso do milho, para comer a maçaroca. Nós não temos esse hábito, é difícil você encontrar uma maçaroca a venda.

*OKARA: Pelos estudos que você já fez e pelos lugares que já visitou, como enxerga a perspectiva de crescimento e resistência da agroecologia, uma vez que existe todo um outro lado, de um agricultura cada vez mais tecnificada, com alto uso de agrotóxicos?*

Firmino: Eu penso que está intimamente associado a uma tomada de consciência das populações e a sua evolução pessoal. É por isso que isto é tão sofrido, porque quer nós queremos, quer não, estamos todos inseridos num processo de globalização, e por vezes é muito difícil a pessoa libertar-se desse processo, é como se fosse um polvo, e uns reagem e querem se libertar, outros até se sentem bem, digamos; apoiados, confortáveis, instalados nos tentáculos do polvo e em Portugal há muita publicidade que convida ao consumo. Cria-se uma mentalidade em que as pessoas não valem por aquilo que são, pelo seu íntimo, mas pelo aquilo que mostram e é por isso que ao vir da escola a criança só quer andar com roupa de marca, julgam os colegas pelo aquilo que vestem, pelas férias que fazem, e não por aquilo que comem. Se tiver um celular ela liga, se não tem celular, se veste roupa sem marca, ele pode comer a melhor comida do mundo! Mas não tem prestígio, não é respeitado pelos colegas, e aí é que é complicado, porque se tu és o espelho da sociedade, aí, portanto só a partir do momento em que as pessoas comecem a tomar consciência de que a ecologia, é fundamental, até para a sua felicidade interior é que alguma coisa pode mudar. Portanto, hoje em dia, o que temos em Portugal é ainda uma minoria, que deliberadamente procura a alimentação biológica, os outros, a primeira reação que tem é, isso é caro, mas se for para comprar um celular, ou para trocar de carro, para fazer inveja ao síndico, tem muito isso, até a própria publicidade explora isso. Havia uma publicidade que dizia: "Se o seu vizinho tem um televisor, você compra dois e resolve o problema". Mas que problema? Eu não tenho televisão, eu não tenho vídeo, e não sinto necessidade disso, portanto isso é um processo que não é fácil

*OKARA: Você atua no Vietnã e na China, que trabalhos desenvolve lá?*

Firmino: Eu fui convidada pelo grupo de investigadores holandeses, para integrar o grupo num projeto para promoção de horticultura sustentável nas áreas metropolitanas de Nadin, na China e Hanói, no Vietnã. O projeto foi aceito e financiado pela União Européia e os meus colegas estão mais vocacionados para proteção integrada. Havia de alguma forma uma luta contra dos economistas, que acham que agricultura orgânica é só para sonhadores, e, portanto não tinha rentabilidade, nem aceitação por parte das populações que poderiam ter proteção integrada, até porque proteção integrada tem tido muito divulgação nesses países através da FAO ou através de algumas instituições européias como é o caso de uma instituição dinamarquesa de DIAAD, que tem feito cursos com agricultores, tem dado apoio técnico, e tem estabelecido algumas culturas de produção, proteção integrada. Ele achava que a proteção integrada ia ter muito mais aceitação. Com os nossos contatos fizemos seminários, visitas de campo nas áreas de estudo. Do trabalho que tivemos com os colegas chineses e vietnamitas, chegou a conclusão, pelo menos no caso do Vietnã, que eles estavam mais interessados na produção orgânica, do que na proteção integrada, e portanto o projeto está agora no final, e a possibilidade de haver um outro só para criar estruturas de produção, agricultura orgânica no Vietnã, porque na China já tem, eles até exportam, mas o Vietnã não. Portanto, é importante eles terem demonstrado esse interesse, eu estou em contato com uma ONG vietnamita, para a divulgação de medidas de proteção para o ambiente, e vou ver se consigo com eles estabelecer um projeto de hortas biológicas nas escolas, a exemplo daquilo que existe em Portugal, e fazer ações de divulgação com folhetos, com o diário da agricultura biológica, por exemplo, campanhas também de publicidade nas mídias, na televisão, no rádio, nos jornais. É um pouco difícil encontrar muita clientela, dado o baixo nível de vida dos vietnamitas, mas dada a proximidade da China, que é um mercado de milhões, e que está a emergir uma classe abastada, que procura tudo, que consome tudo, e sobretudo, o Japão, que também é um mercado com elevado nível de vida, e que dada a própria estrutura do país, não tem área para produzir, portanto, é uma boa opção como um mercado de exportação. Para mim foi muito interessante trabalhar na Ásia, porque é uma mentalidade diferente, é um povo com uma outra cultura, mas que em certo momento, se entrecruza com a minha própria cultura e que é muito interessante verificar, aprendi muito, sobretudo.